

A CONSTRUÇÃO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS: A EXEMPLARIDADE DE BERTHA MARIA JÚLIA LUTZ (1894-1976)¹

Maria Margaret Lopes
Lia Gomes Pinto de Sousa
Mariana Moraes de Oliveira Sombrio

Resumo: Este artigo se insere em uma pesquisa mais ampla sobre a trajetória político-científica da conhecida líder feminista Bertha Lutz. Comenta aspectos de suas inúmeras atividades científicas, para apontar a importância de se considerar, nas discussões sobre história das ciências e história das mulheres no Brasil, também a dimensão das análises de gênero e ciências. Inicia reflexões sobre a construção historiográfica da invisibilidade das mulheres na ciência, também no caso brasileiro.

Palavras-chave: gênero e ciências; história das ciências; feminismo.

Introdução

Na história das ciências em âmbito internacional, as análises de gênero se inseriram nas correntes principais presentes nessa disciplina nos diferentes momentos que marcaram a retomada desse campo de estudos nas três últimas décadas. Tais análises de gênero voltadas para a ciência consideraram não só aspectos institucionais da participação das mulheres nas práticas científicas, seus indicadores de produtividade, mas fundamentalmente aspectos contextuais, conteudísticos e de cultura científica nas diferentes áreas disciplinares.

Não é possível e também não se trata mais de fazer uma revisão da área de estudos (LOPES, 1998; CITELI, 2000), desde 1978, quando pela primeira vez Evelyn Fox-Keller relacionou os termos *gender and sciences*, ou desde os anos 1980, quando esse campo de estudos efetivamente se consolidou, com os trabalhos de autoras reiteradamente citadas até hoje, como Carolyn Merchant, Evelyn Fox Keller, Helen Longino, Donna Haraway, Londa Schiebinger² – para mencionar algumas mais conhecidas, mesmo que pouco traduzidas no país.

Longe de constituírem apenas uma resposta aos novos arroubos da época, às correntes deterministas da biologia e da sociobiologia, as dimensões das análises de gênero, particularmente dos anos 1980, voltaram-se para os pressupostos das ciências modernas, para os quais também se voltaram os textos fundacionais do campo dos estudos sociais das ciências (SSK). Nessa perspectiva Carolyn Merchant (1980), em *The Death of Nature*, contextualizou diversos aspectos da historiografia das ciências construída a partir dos anos 1930, questionando, na construção do conceito de “Revolução Científica”, a marca dos preconceitos de gênero. Pode-se, ainda, citar uma entre as autoras que mais contribuíram para as formulações do campo disciplinar – Londa Schiebinger, de modo brilhante, entre inúmeros aspectos do conteúdo das ciências naturais, destacou a influência das noções de gênero nas classificações lineanas de feminilização e masculinização das plantas, e especialmente, sua invenção do termo *mamífero* em substituição aos antigos quadrúpedes, em meio a todo o engajamento de Lineu em campanhas racistas pelo aleitamento materno (SCHIEBINGER, 1993).

Nesse sentido, quando Ian Golinski (2002) – em um exercício de fertilização cruzada, no quadro das discussões atuais sobre masculinidades, introduzidas pelos estudos de gênero – retoma os costumes sociais masculinos nas origens das ciências modernas, ele continuará a ter por parâmetros não só evidentemente Simon Schaffer e Steven Shapin, como também os textos fundacionais de Evelyn Fox Keller – em sua análise da obra de Francis Bacon, *O Nascimento masculino e tempo* –, de Carolyn Merchant, Londa Schiebinger etc.

Quanto a um dos temas mais recorrentes e controversos nessa bibliografia – a tão decantada ausência das mulheres nas ciências ao longo da história –, nunca é demais lembrar que este também é uma construção historiográfica. A invisibilidade das mulheres nas ciências é uma construção historiográfica, contra a qual, pelo menos para o final do século XIX e para o século XX, a existência de séries de indicadores de produtividade cumpre um papel em nada desprezível. Margaret Rossiter (1982, 1995) já o demonstrou para o caso da participação das mulheres nas ciências norte-americanas desses períodos. Não faltaram também desde os anos 1980 – para nos limitarmos a esse movimento mais recente –, na historiografia das ciências, as séries de perfis monográficos, as mulheres ganhadoras de Nobel, as “herdeiras de Hypatia” etc.

No Brasil, nem movimentos sociais, nem cursos universitários, publicações ou pesquisas acadêmicas acompanharam de forma mais ampla e sistemática o que foram esses debates apaixonantes. A ausência desses indicadores e o ainda pouco interesse que o tema desperta nos nichos acadêmicos dos estudos de gênero/feminismo continuam a contribuir para perpetuar o falso mito da ciência como reserva quase exclusivamente masculina, também no caso brasileiro.

As séries históricas de indicadores no Brasil, evidentemente, são mais difíceis de serem obtidas e analisadas (VELHO, 2001; TABAK, 2002; LOPES, 2002), mas as

pesquisas sobre periódicos, instituições educacionais e de pesquisa, os arquivos antigos do CNPq (desde os anos 1950, pelo menos) têm se revelado fontes inestimáveis para também, aqui, iniciarmos um questionamento sobre o mito da invisibilidade das mulheres nas ciências.

Os estudos em história das ciências, sejam de indicadores de produtividade, sejam de trajetórias de vida, têm muito ainda a contribuir para essa discussão sobre a invisibilidade das mulheres nas ciências, também no caso brasileiro. Flashes da atuação científica de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao longo de algumas décadas, “evocando misturas de feminismos, anfíbios, políticas – dimensões inseparáveis e inevitáveis quando se trata de engendrar as ciências” (LOPES, 2000, p. 15), assumem um caráter de exemplaridade para a discussão que esboçamos aqui. Permitem uma aproximação inicial de sua carreira de bióloga, de seus 46 anos de pesquisas científicas, repartidos entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Instituto Oswaldo Cruz, e a militância feminista na Federação Brasileira para o Progresso Feminino.

No campo, no laboratório, no museu, na política

Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) nasceu em São Paulo, filha da enfermeira inglesa Amy Marie Gertrude Fowler e de Adolpho Lutz, o conhecido microbiologista suíço radicado no Brasil (BENCHIMOL et al., 2003). Sua atuação política – em prol da emancipação feminina, da educação feminina, do voto feminino, de mudanças na legislação trabalhista – à frente da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, que dirigiu por mais de 50 anos, foi recuperada nas origens das produções acadêmicas feministas de meados da década de 1970, por Rachel Sohiet (1974) e Branca Moreira Alves (1977), e dada a proeminência de sua atuação, continua sendo mencionada em diversas obras mais recentes, como nas de Rachel Sohiet, (1996, 2002) e Susan Besse (1999), bem como nas análises de trajetórias de mulheres de sua geração, como Júlia Lopes de Almeida, Carlota Pereira de Queiroz e Consuelo Caiado, entre outras (LUCA, 1999; SCHPUN, 1999, 2004; KOFES, 2001).

De tal forma foi expressiva e envolvente a militância de Bertha Lutz – uma das quatro mulheres que assinaram o documento de fundação da ONU, por exemplo – que, mesmo nas documentações oficiais relativas à sua vida funcional no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sua atuação política e jurídica aparece imiscuída entre suas atividades científicas.³ Entre essas também se destacavam “assuntos relativos ao trabalho feminino e à legislação relativa à mulher”. Mas suas habilitações profissionais específicas nos revelam outras facetas de seus trabalhos, ainda não analisadas em profundidade: “zoologia, botânica, inclusive trabalhos de laboratório e de campo, de excursão”, bem como “organização de museus e suas atividades educacionais”.⁴ Os rascunhos de seu currículo, em meio aos documentos ainda em organização no Fundo Bertha Lutz do Museu Nacional, assinalam justamente a organiza-

ção do Museu Zoológico do Instituto Oswaldo Cruz, ao lado de seu pai, como sua primeira atividade científica, uma vez que retornou ao país.

Funcionária de um museu, trabalhando diretamente com a coleta, organização e classificação de coleções, em função de seus interesses disciplinares, Bertha Lutz permaneceu atenta às discussões teóricas com que a museologia se defrontava nas primeiras décadas do século XX, polarizada entre suas atividades de pesquisa e ensino. Ressaltando seu interesse nos estudos sobre museus, Bertha Lutz destacava, entre seus cursos de aperfeiçoamento concluídos e diplomas obtidos, seus “Estudos especiais sobre o papel educativo dos Museus Modernos, na América do Norte”, realizados a convite da Association of American Museums, de 1932.

Formada em ciências (ciências naturais) em 1º de março de 1918 pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne), obteve seus certificados de Estudos Superiores de Botânica em 20/6/1916; de Química Biológica em 18/10/1916; e de Embriologia Geral em 23/10/1917. Voltando ao Brasil, trabalhou como encarregada do Museu Zoológico e foi contratada como tradutora – inglês, francês e alemão –, por 300\$000 (trezentos réis) mensais, no Instituto Oswaldo Cruz, de 1º de setembro de 1918 a 3 de setembro de 1919, quando assumiu, em 4 de setembro de 1919, o cargo de secretária no Museu Nacional, para o qual havia sido aprovada em concurso público. Do mesmo ano de 1919, em que Bertha Lutz funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher e representa o Brasil no Congresso da Organização Internacional do Trabalho, data sua primeira publicação em *Archivos do Museu Nacional*, referente à organização dos “índices por títulos e autores” dos artigos publicados pelo periódico, nesse volume de comemoração do centenário do Museu Nacional (LUTZ, 1919).

Esses foram também anos de intensa atividade feminista, já que a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino fundada por Bertha data de 1922. Em uma possível tentativa de ampliação de seus espaços profissionais, Bertha ainda teria prestado concurso e teria sido classificada em primeiro lugar para o cargo de professor da Cadeira de Botânica da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Rio de Janeiro em 1923.⁵ Seu longo relatório de atividades no Museu Nacional, relativo ao ano de 1925, datado de 9 de janeiro de 1926, retoma informações sobre anos anteriores, além dos trabalhos cotidianos do museu como: “organização de fichas para a Seção de Botânica, determinação de materiais, pequenas excursões no Distrito Federal, replantio para estudos de sementes de *Arachis nambiquarae* – cuja porcentagem de germinação havia sido reduzida e as primeiras sementes não haviam sido aproveitadas durante sua ausência etc. Bertha realizou excursões à Serra da Bocaina, coletando, determinando e depositando 63 espécimens no Herbário do Museu Nacional. Dessa excursão resultou seu trabalho “The flora of the Serra da Bocaina”. (*Proc. Amer. Phil. Soc.* v. LXV, n. 5 suppl. 1926).

Nos Estados Unidos, onde esteve em comissão, de 1º de abril a princípios de julho de 1925, participando da Conferência Interamericana de Mulheres em Wa-

shington, Bertha realizou estudos sobre árvores frutíferas das regiões tropicais e subtropicais, principalmente aquelas cultivadas no Brasil. Realizou uma excursão a Mount Vernon, Virgínia, em que lamenta ter conseguido coletar apenas 19 espécimens da flora primaveril local e obteve coleções de 553 cogumelos, 299 plantas norte-americanas e uma coleção de insetos que atacam árvores frutíferas, bem como amplo material bibliográfico, que lhe permitiu rever e ampliar seu artigo "Estudos sobre a Biologia floral da *Mangifera indica L.*", publicado em *Archivos do Museu Nacional* (LUTZ, 1926). Todas as coleções obtidas, devidamente determinadas, foram oferecidas à Seção de Botânica do museu, "como já fizera anteriormente com a coleção feita por mim, em 1922, no Gran Canyon do Colorado, desde a boca até os fundos daquele grande precipício", quando havia participado da Conferência Pan-Americana de Baltimore, e fora incumbida, pelo ministro da Agricultura, do estudo sobre os métodos de divulgação do ensino de agricultura e economia doméstica nos Estados Unidos.

Nessa viagem de 1925, Bertha também estudou as técnicas de preparo e a organização de mostruários de Museus de História Natural, métodos de divulgação da história natural, bem como a organização de hortos botânicos, além de visitar "com grande interesse" os museus para crianças em Brooklyn e Boston. Permutou coleções com as Seções de Botânica e Entomologia do Museu Nacional de Washington e "enfim, tomei parte no Congresso Interamericano de Mulheres, obtendo para o nosso país a presidência do movimento interamericano feminino".⁶

Em 1º de fevereiro de 1927, Bertha foi designada para servir em comissão como assistente da Seção de Botânica do Jardim Botânico, tendo retornado ao seu cargo de "secretário" no Museu Nacional, em novembro de 1930.⁷

Esses foram anos de muitos estudos, já que nesse período Bertha também estudava direito. Em 15/3/1933 obteve seu título de bacharel em ciências jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, que cursava desde 1928.⁸ Bióloga, não deixava de incorporar sua formação acadêmica mesmo em seus trabalhos de cunho jurídico. Metáforas naturalistas inundam seus textos, marcados evidentemente por sua prática feminista.

Em seus "13 Princípios Básicos. Sugestões ao ante-Projecto da Constituição", de 1933, após afirmar e repetir no âmbito do Legislativo e do Executivo que: "qualquer forma de representação funcional (de classe) abrangerá a representação social e cultural, sendo dada participação à mulher, às agremiações representativas da ação social e cultural e às universidades" (p. 11, 13). Bertha considera a situação da maternidade, da infância, do lar, mas também dos monumentos naturais, da proteção da natureza e da conservação da flora e fauna do país. Sua justificação do III Princípio – Dignificação do Trabalho – centra-se na dupla jornada da mulher proletária e propõe a proteção da lei "sem distinção de sexo e nacionalidade", não deixando de se fundamentar de maneira quase determinista na lei da conservação, contrária "ao parasitismo quer biológico, social ou econômico, todos sinônimos de degeneração"

(p. 24). A Equiparação dos sexos – o VIII Princípio – é justificada pela diferença e não inferioridade da organização anatomo-fisiológica. “O cérebro da mulher não é inferior ao do homem. Os caracteres sexuais são secundários, derivados das funções reprodutivas” (p. 38).

Na justificação do X Princípio – Proscrição da Violência –, sua argumentação alude de maneira forte à bestialidade do comportamento masculino violento, apelando para a paleontologia: “se a força tivesse maior capacidade realizadora do que a inteligência, o mundo seria dominado, não pelo organismo inerte do homem, mas pela musculatura e presas possantes das grandes feras, hoje extintas, como o tigre com dentes de sabre e o urso das cavernas” (p. 49). Seus argumentos contra a guerra e seus apelos para as mulheres “guardiãs da vida” que entram para a política também questionam “para que servem as descobertas da ciência, o aperfeiçoamento da técnica, a inspiração da arte genial [...] os vinte séculos de cristianismo, se as civilizações masculinas ainda não encontraram outra solução para suas contendas [...]” (p. 50).

Entrando ela própria para a política, Bertha, mesmo não alcançando o número de votos necessários, exerceria seu mandato enquanto suplente de deputado de julho de 1936 a novembro de 1937 – da morte do deputado Cândido Pessoa ao início da ditadura de Vargas. Na tribuna, reivindicaria, além dos direitos das mulheres, a profilaxia contra o mosquito associado, pelos trabalhos do pai, à transmissão da lepra. Inquiriu sobre o número, localização e condições dos leprosários e hospitais de isolamento.

Em 1937, Bertha retorna ao Museu Nacional, designada para o cargo de naturalista do Quadro I e, no ano seguinte, foi promovida da classe K para a classe L. De 8 de dezembro de 1937 a 7 de dezembro de 1938, encontramos Bertha Lutz com os afazeres da chefia – em cargo de substituição – da Seção de Botânica do museu, tendo inclusive realizado excursão para coleta de materiais em Minas Gerais, bem como representado o Museu Nacional no Conselho de Fiscalização de Expedições Científicas e Artísticas do país.

Na verdade, embora em 1936 Bertha já estivesse envolvida com a Seção de Botânica do Museu Nacional, desde 1922, diversos trabalhos de caráter zoológico de Adolpho Lutz já resultavam da documentação que Berthase reunia e arquivava, e a partir dos anos 1930, Bertha assumiu para si a continuidade de algumas das pesquisas do pai. Depois da morte de Adolpho Lutz em 1940, Bertha se encarregaria, entre suas atividades no Museu Nacional, do serviço de organização dos seus arquivos e publicações, bem como da ampliação de suas coleções. Para tanto realizaria uma série de trabalhos de campo, segundo suas próprias justificativas:

O serviço de organização do arquivo, publicações e coleções do Professor Adolpho Lutz dos quais essa Diretoria me incumbiu torna aconselhável a minha ida a alguns estados, a fim de reunir dados, trabalhos ali publicados e não encontrados aqui, assim como espécimens de

alguns grupos, gêneros ou espécies, representados por poucos indivíduos nas coleções Adolpho Lutz. Assim sendo venho consultar V. Ex. sobre a possibilidade de empreender, nos próximos dias, uma pequena viagem a Bahia, a fim de consultar os arquivos da Faculdade e trazer Planorbis e Batráquios e espécimens botânicos para o Herbário do Museu Nacional.⁹

Quanto aos seus trabalhos científicos, é a própria Bertha que nos faz um balanço sobre eles, sem dissociar mais uma vez suas práticas científicas e políticas.

No contexto das comemorações do Centenário de Adolpho Lutz, em que dona Heloísa – Heloísa Alberto Torres (1895-1977)¹⁰ –, diretora do Museu Nacional de 1938 a 1955, ocupava também o cargo de secretária da Comissão do Centenário, Bertha discutia as críticas de Heloísa e problemas relacionados à revisão da Coleção de Anfíbios Anuros do pai. Ela já havia revisto os primeiros dez anos (1915-1924), faltando rever ainda de 1925 a 1936 e numerar os espécimens de 1937 a 1940. Suas longas e inúmeras cartas para dona Heloísa revelam, entre inúmeros outros aspectos, não só seu total envolvimento com o projeto, como fundamentalmente a cumplicidade e solidariedade feminista entre elas, em diversas ocasiões.¹¹

Autorizada a trabalhar em Manguinhos, onde estavam as coleções do pai – sobre as quais publicaria diversos artigos – e preocupada com as críticas ao seu trabalho, com a organização do herbário do pai, com o primeiro relatório que deveria ser apresentado ao Conselho Nacional de Pesquisa (o atual CNPq) que financiava o projeto de recuperação dos trabalhos de Adolpho Lutz, não aceitava ser criticada por incompetência. Ao mesmo tempo, nos informa sobre o início de seus trabalhos com o pai, reitera seu amor pela botânica e assinala o que estou tentada a considerar como fases de sua trajetória:

Apreciei muito a boa vontade de V.S. em querer avocar a organização do Herbário. Também aqui receio que os afazeres e atribuições da Diretora não permitam a V.S. a execução desse plano generoso. Já eu tinha feito a quinta parte e creio que com o material que necessito e uma auxiliar poderia fazer rapidamente o resto também. Tenho a vantagem de conhecer os lugares e as datas das excursões do Dr. Lutz e acompanhei muitas de suas viagens de 1921 em diante. Também tenho boa biblioteca botânica e muito amor ao trabalho herbárico. Se a seção de Botânica enviasse o material aos especialistas ou emprestasse uma auxiliar, creio que poderíamos fazer o trabalho melhor, que sem a minha assistência, mormente estando a divisão agora bastante desfalcada em pessoal, comparada com o Jardim Botânico, onde a numeração resultou mais falha que aquela com que a coleção seguiu do Museu para lá (23/5/1954).

A sra. não me levará mal de dizer que não posso aceitar de me considerar como incapaz de elaborar método de trabalho eficaz. Depois de 1940, publiquei entre 15 e 20 trabalhos zoológicos bem recebidos pelos colegas. Como deputada deixei bons trabalhos na Câmara e os três Ministros de Estado das Relações Exteriores com quem trabalhei em missões diplomáticas no exterior nunca me traçaram diretrizes e todos eles declararam aos respectivos governos e a mim acharem satisfatórios os serviços (31/5/1954).

Ao longo de toda sua carreira, as práticas políticas e científicas de Bertha Lutz continuaram enredadas nas páginas dos relatórios anuais do Museu Nacional do Rio de Janeiro:

Divisão de Zoologia. A naturalista Bertha Lutz continuou seus estudos sobre batráquios brasileiros [...] pequenas excursões à Serra dos Órgãos. Enviada a Genebra, para representar a Comissão Interamericana de Mulheres na Comissão de Estatutos da Mulher das Nações Unidas, reviu exemplares do Museu de Berna e Genebra. Em junho, enviada pelo governo à República Dominicana, para o mesmo fim, fez excursões em Haiti, Jamaica e Trinidad, colecionando material.¹²

Bertha Lutz ainda recebeu o título de doutora *honoris causa* em direito, concedido pelo Mills College da Califórnia, nos Estados Unidos, e não pôde receber título idêntico conferido pela University of Southern Califórnia, Los Angeles, porque claramente priorizou seus compromissos políticos:

no decorrer da Conferência das Nações Unidas, em São Francisco, não foi possível ir receber esse título, que não [era] conferido *in absentia* devido a coincidir a data proposta com momento decisivo para emendas brasileiras à Constituição das Nações Unidas e de cuja defesa me achava incumbida.¹³

Aposentada em 3 de agosto de 1964, aos 70 anos, ainda vamos encontrá-la, uma década depois, representando o Brasil na Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher de 1975, na qual já se iniciava a prática das “conferências femininas paralelas das Organizações Não-Governamentais” que marcariam profundamente as conferências subseqüentes da ONU. Terminada a Conferência Mundial do México, Bertha nos conta, em seu relatório detalhado,¹⁴ que passou “um dia agradável no Instituto de Zoologia e no Jardim Botânico de Chapultepec”.

Comentários finais

Esses flashes da trajetória político-científica de Bertha Lutz são a ponta de um *iceberg*. De sua vida intensa, a copiosa documentação que está sendo cuidadosa e carinhosamente analisada no âmbito do projeto temático “Gênero, Corporalidades” (Fapesp) parece nos dar apenas pistas sugestivas. Nesse estágio ainda exploratório de toda a vasta documentação de Bertha Lutz dispersa por diversos arquivos, de suas práticas de naturalista de campo, de suas práticas classificatórias no âmbito da sistemática botânica e zoológica e na busca por teorias explicativas para apoiar nossos estudos empíricos, não há como dissociar essa análise das discussões sobre o papel do campo nas ciências naturais (KUKLICK; KOHLER, 1996). Estudos sobre áreas do conhecimento que têm no campo seus *loci* privilegiados de construção de saberes têm proposto considerar que o problema da objetividade nas ciências e suas decorrências sejam reinterpretados em um contexto mais abrangente, que incorpore a questão do heroísmo científico (ORESQUES, 1996).

As ciências modernas têm sido caracterizadas por duas imagens complementares e contraditórias. De um lado, o homem sério de avental branco no laboratório asséptico – de pronto uma imagem que evoca a objetividade como valor central da ciência. Do outro lado do espelho do observador desincorporado, sem paixão, está a imagem do herói, do aventureiro, essencialmente apaixonado, que enfrenta perigos particularmente na selva, o cientista de campo, cuja atividade científica lhe cobra inclusive preparo físico. Imagem essa menos conectada com qualquer virtude particular atribuída à ciência, mas muito mais fortemente associada aos ideais de masculinidade da cultura moderna européia e, muito pouco considerada ainda pelos estudos feministas, pelos estudos de gênero, pela história das mulheres (ORESQUES, 1996).

A autora ainda argumenta que, nesse âmbito do heroísmo, se podem, reconhecer também causas epistemológicas da invisibilidade das mulheres em ciências. Estas estariam mais relacionadas com esse lado do espelho da ciência do que com os problemas da objetividade propriamente ditos, já que nas visões tradicionais de ciências há um espaço limitado para se considerar os temas de exclusão e invisibilidade de gênero, de pontos de vista epistemológicos. Como diversas mulheres de sua geração, nossa “heroína” arriscou-se muito mais no campo da política, do feminismo, do que nas redondezas do Rio de Janeiro, na Bahia, Mato Grosso ou no interior dos Estados Unidos, onde parece ter praticado com muito prazer a velha ciência normal de Thomas Kuhn, e daí, de fato, decorra parte da invisibilidade de suas atividades científicas.

Distanciando-nos dos argumentos de caráter essencialista, da constante invisibilidade das mulheres nas ciências, das visões que afirmam que as mulheres sempre estiveram ausentes das práticas científicas, para ressaltar as “sempre” poucas exceções, enfatizo que Bertha Lutz não padeceu de qualquer problema de invisibilidade na história política recente e tem sido mencionada em diferentes propostas de investigação. Mesmo em vida foi e, depois de sua morte, continuou a ser constantemente lembrada em homenagens das mais diversas correntes femininas e feministas. Bertha Lutz foi uma “mulher de elite”, defensora dos ideais das mulheres de setores de elites como muito bem a definiu o ministro chileno, no Clube de Engenharia, na homenagem a Bertha Lutz por ocasião de sua presidência da União Interamericana de Mulheres. Exerceu sua atividade profissional de forma indissociada, em meio a toda a sua atuação política. Fez escolhas políticas e profissionais. Estabeleceu redes de sociabilidade e solidariedade em suas interações com setores que gozavam e disputavam prestígio e poder nas comunidades científicas e políticas, nacionais e internacionais que freqüentava.

E em sua época, os jornais, ao tratarem sua atuação política em prol das causas femininas da profissionalização, do voto, da educação, da situação no casamento, mencionam sua condição de naturalista do Museu Nacional, que inclusive lhe atribuía prestígio e reconhecimento social e mesmo emprestava um caráter de cientificidade a muitas de suas teses. A partir da década de 1950, seus projetos contaram com apoios financeiros sucessivos da agência de fomento em que se cons-

tituía o CNPq, seus artigos científicos foram publicados em revistas científicas no Brasil e no exterior, foram várias as novas espécies classificadas por ela e sua vasta correspondência com naturalistas de inúmeras instituições de pesquisa, particularmente norte-americanas, testemunham sua inserção na comunidade científica internacional.

O que já assinalamos em outros lugares (LOPES, no prelo) é que as investigações ora em curso sobre Bertha Lutz problematizam o papel que a própria historiografia feminista local jogou na construção da invisibilidade da carreira científica de Bertha Lutz. Tal historiografia, em sua contribuição para pôr em relevo a atuação política e social de Bertha nos movimentos, nacionais e internacionais do século XX, de mulheres e feministas, em um quadro senão de negação, de ausência de qualquer valorização da história das ciências como um todo no Brasil (LOPES, 2001), minimizou a prática científica de Bertha, não priorizou, nem nesse caso exemplar, as reflexões em torno de gênero e ciências. E isto não significa qualquer demérito em relação aos estudos pioneiros sobre Bertha Lutz aqui já mencionados, porque evidentemente esses também merecem ser contextualizados em seu específico momento histórico. As teses de negação da existência de práticas científicas no Brasil, ou de sua pouca expressão e relevância para as análises sociopolíticas e econômicas sobre o país, permanecem influentes mesmo entre historiadores, feministas e estudiosos de gênero contemporâneos. Evidentemente não seriam esses historiadores que poderiam entender a indissociabilidade das diferentes práticas políticas, sociais e culturais de Bertha. E entre os historiadores das ciências, mesmo entre os mais críticos, ainda são pouquíssimos aqueles que admitem a possibilidade de engendrar suas análises.

Abstract: This paper relates to a broader research on Bertha Lutz's political and scientific path. The career of Bertha Lutz – the well-known Brazilian feminist leader – is reviewed aiming at her various scientific activities to outline the relevance of the dimension of gender and science analysis on the discussions on history of science and women's history in Brazil. It launches thoughts about the historiographical construction of women's invisibility in science, also in Brazil's case.

Keywords: gender and science; history of science; feminism.

(Recebido e aprovado para publicação em março de 2005.)

Notas

¹ As autoras agradecem à Carla Mecia Pezin Moraes e Lucélia de Almeida Silva, bolsistas Pibic-SAE/UNICAMP, aos responsáveis e funcionários do Arquivo Nacional, MAST e Museu Nacional, Rio de Janeiro, ao Pagu e ao Centro de Memória (UNICAMP), por sua valiosa colaboração, bem como ao CNPq, pelo apoio aos projetos de pesquisa e à Fapesp, pelo apoio ao projeto “Gênero, Corporalidades” (processo nº 03/13691-0). Também agradecemos especialmente à professora doutora Hildete Pereira de Melo pelo incentivo à publicação deste artigo.

² Londa Schiebinger esteve a nosso convite no Rio de Janeiro, e proferiu uma conferência no *V Congresso Latino-Americano de História da Ciência e Tecnologia: “Gênero, Ciência e Tecnologia na História Latino-Americana”*, SLAHCT, Rio de Janeiro, 1998. Alguns de seus trabalhos foram traduzidos no Brasil: SCHIEBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2000 e SCHIEBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. In: PORTER, R.; TEICH, M. (Org.). *Conhecimento sexual, ciência sexual: a História das atitudes em relação à sexualidade*. São Paulo. UNESP, 1998. p. 219-246. Além das traduções para o espanhol, o *Cadernos Pagu* tem traduzido algumas autoras desse campo de estudos: HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-42, 1995 e “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 22, p.201-246; FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 17-18, p. 9-80, primeiro capítulo de *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*.

³ Suas atividades científicas que até recentemente não haviam ainda ocupado o centro da atenção de estudos de maior abrangência, quer de feministas, estudiosos de gênero ou historiadores das ciências, começam agora a ser investigadas por nós, no contexto do projeto temático “Gênero, Corporalidades” (Fapesp), coordenado por Mariza Correa, no Pagu – UNICAMP.

⁴ Sua atuação no campo da museologia, que não será mencionada aqui, tem sido objeto de minha atenção específica, no contexto de minhas investigações que vêm contando com o apoio do CNPq – A museologia histórica e cultura científica no Brasil (PQ, 2004-2007).

⁵ Em MN. Documentos particulares. Assunto: Lutz, Bertha Maria Júlia. Museu Nacional. Min. da Educação e Saúde. Rio de Janeiro. Classe 121. (Concursos prestados, cursos de aperfeiçoamento concluídos: diplomas, conclusão de cursos superiores e técnicos).

⁶ Lutz, B. Relatório dos Trabalhos executados em 1925. Min. da Agricultura, Indústria e Comercio. MN. Arquivo.

⁷ Bertha Maria Júlia Lutz. Naturalista – classe L, matrícula nº 215.109, em 5/11/1941. Museu Nacional. Universidade do Brasil. MN Arquivo.

⁸ Os dados pessoais e funcionais que se seguem constam das fichas “declaração de família dos funcionários do Museu Nacional” reunidas no documento: Documentos particulares. Assunto: Lutz, Bertha Maria Júlia. Museu Nacional. Min. da Educação e Saúde. Rio de Janeiro. Classe 121.

⁹ Ofício 187, de 30/4/1941, de Bertha Lutz a Heloisa Alberto Torres. MN Arquivo.

¹⁰ Sobre Heloisa Alberto Torres, ver entre outros trabalhos de Mariza Corrêa: *Antropólogas & Antropologia* (CORRÊA, 2003).

¹¹ Agradeço à Mariza Corrêa e Januária Mello as cópias da correspondência trocada entre Bertha Lutz e Heloisa Alberto Torres, depositada nos Arquivos da Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres (CHAT), tratada de forma exploratória em Lopes, M. M. (no prelo).

¹² Relatório do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1956, p. 74.

¹³ Ofício de Bertha Lutz para Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 17/7/1947. MN Arquivo.

¹⁴ LUTZ, B. Relatório sobre a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, a Sua Excelência o Sr. Embaixador Antônio Francisco Azeredo da Silveira, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 30/9/1975. Arquivo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Série Bertha Lutz AP 46, Cx83 – História – Movimento Feminino no Brasil. Arquivo Nacional.

Referências

ALVES, B. M. *Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil – 1919/1932, fatos e ideologia*. 1977. Dissertação (Mestrado), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

BENCHIMOL, J. et al. Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz. *História, Ciência, Saúde*, Manguinhos, v. 10, n. 1, p. 203-50, jan./abr. 2003.

BESSE, S. K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. Trad. Lólio L. de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999.

CITELI, M. T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudos. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 15, p. 39-75, 2000.

CORRÊA, M. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

GOLINSKI, I. The care of the self and the masculine birth of science. *History of Science*, Cambridge, p. 125-145, 2002.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KUKLICK, H.; KOHLER, R. E. (Ed.) 'Introduction'. *OSIRIS: Science in the Field*, [S.I.], 2nd series, v. 11, p. 1-14, 1996.

LOPES, M. M. Apresentação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 15, p. 7-14, 2000.

_____. As grandes ausentes das inovações em Ciência e Tecnologia: resenha do livro de Fanny Tabak, O laboratório de Pandora. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 19, p. 315-318, 2002.

_____. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 10, p. 345-368, 1998.

_____. Mulheres e Ciências no Brasil: uma história a ser escrita. In: PÉREZ SEDEÑO, E.; ALCALÁ CORTIJO, P. (Coord.). *Ciência e Gênero*. Madrid: [s.n.], 2001. p. 53-67.

_____. Vencer barreiras? Até quando? "Aspectos da trajetória científico-política de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) Woellner, L. dos Santos et alii *Ciência, Tecnologia e Gênero*. IAPAR, Londrina (no prelo)

LUCA, Leonora de O "feminismo possível" de Júlia Lopes de Almeida. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 12, p. 275-299, 1999.

LUTZ, B. M. J. Estudos sobre a Biologia floral da *Mangifera indica* L. *Archivos do Museu Nacional*, [S.I.], v. 26, p. 125-158, 1926.

_____. Índice dos Archivos do Museu Nacional. *Archivos do Museu Nacional*, [S.l.], v. 26, p. 277-290, 1919.

ORESQUES, N. 'Objectivity or heroism? On the invisibility of women in Science'. *OSIRIS: Science in the Field*, [S.l.], v. 11, p. 87-113, 1996.

ROSSITER, Margaret. *Women scientists in America: struggles and strategies to 1940*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1982.

_____. *Women scientists in America: before affirmative action, 1940-1972*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995.

SCHIEBINGER, Londa. *Nature's body: gender in the making of Modern Science*. Boston: Beacon Press, 1993.

SCHPUN, M. R. De canhão a cartola: meandros de um itinerário emblemático (Carlota Pereira de Queiroz, 1892-1982). In: _____. (Org.). *Masculinidades*. Santa Cruz do Sul: Boitempo: EDUNISC, 2004. p. 203-233.

_____. Entre o feminino e o masculino: a identidade política de Carlota Pereira de Queiroz. *Cardernos Pagu*, Campinas, v. 12, p. 331-377, 1999.

SOHIET, R. *Bertha Lutz e a ascensão social da mulher, 1919-1937*. 1974. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1974.

_____. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 99-124, jan./dez. 1996.

_____. Transgredindo e conservando, mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz. *Labrys: Estudos Feministas*, [S.l.], n.1-2, jul./dez. 2002.

TABAK, F. *O laboratório de Pandora*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VELHO, L. M. S. Estratégias para um sistema de indicadores: C&T no Brasil. *Parcerias Estratégicas*, Brasília, DF, v. 13, p. 109-121, dez. 2001.